

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 19 — 24 DE FEVEREIRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Neste número: AGÊNCIA DE CASAMENTOS CINÉFILOS



Romeu e Julieta?... Sim! Norma Shearer e Frederick March, que vão encarnar os heróis lendários de Shakespeare

René Clair em Nova-York

O realizador francês René Clair teve um excelente acolhimento em Nova-York.

No dia 10 de Janeiro foi-lhe oferecida uma festa no hotel Waldorf-Astoria, à qual assistiram Douglas Fairbanks, Eric Linden, Eddie Cantor, Edward G. Robinson e outros artistas que na ocasião se encontravam naquela cidade.

Interrogado pelos jornalistas, René Clair declarou que Katharine Hepburn era a melhor atriz americana e que, dos filmes americanos que tinha visto nos últimos tempos, o melhor era «O Denunciante».

Ao contrário do que constou, René Clair não fará nenhum filme na América, e deve estar já de regresso de Nova-York, onde foi apenas assistir à estreia de «The Ghost Goes West», a sua última fita.

A TERCEIRA VERSÃO DE «TOPAZE»

Marcel Pagnol está concluindo neste momento *Topaze*, adaptação à tela da sua peça célebre.

É já a terceira vez que a obra do grande dramaturgo francês se translaça para a tela. Com efeito, a Paramount fez uma versão em Paris, com Louis Jouvet, e na América, realizou-se outra, com os irmãos Barrymore e Mirna Loy como vedetas.

O RECITAL DE MARIA PAULA

Constituiu um autêntico acontecimento artístico e mundano o recital de Maria Paula no teatro do Gimnasio. A crítica foi unânime e entusiástica em louvar a linda vedeta das Pupilas pelo seu trabalho e todos os jornais a incitam a que prossiga, no género difícilíssimo em que se apresentou, e que tão poucas culturas tem.

A crítica foi feita já pelos diários. Não houve divergências de opiniões. Todos de acordo, louvaram a linda Maria Paula e referiram-se à revelação que constituiu, na nova «notabilidade em que fez brilhar o seu talento».

Pela nossa parte, limitamo-nos a ingressar no coro dos que a elogiam sem reservas, recomendando a todos que não percam o ensejo de a ouvir novamente! Porque Maria Paula, por certo — não conta ficar por aqui?

A «London Filme» produz!

Pela primeira vez, desde a sua fundação, a «London-Film» realiza, simultaneamente, seis filmes.

Eis-los:

A *Vida Futura*, de Wells, filme para o qual William Cameron Menzies realizou várias cenas. Encontra-se já em montagem.

Lullaby — Antes de partir para a Arábia, Foltan Korda dirigiu as últimas cenas deste filme musical, interpretado por Benjamin Gigli — o maior tenor do mundo.

Miss Bracegirdle faz o seu dever — Trata-se dum pequeno «sketch» de Stacey Aumonier, que tem Elsa Lanchester, como vedeta. É a história duma inglesa tímida, da província, que pela primeira vez vem a Paris. A realização deste filme é de Lee Garmes.

Cirano de Bergerac — Será dirigido por Lee Garmes também, que foi um dos mais célebres cameramen americanos. Charles Laughton será o protagonista.

The Elephant Boy — Na Índia, Robert Flaherty prossegue a realização deste filme, que nos contará a história e as aventuras dum elefante recém-nascido.

Revolta no Deserto — Foltan Korda embarcou para a Arábia, onde, acompanhado do coronel Stirling, realizará este filme, que evocará a vida e as aventuras do coronel Lawrence.

O filme de Marlene e Boyer

A fita *Invitation to the Happiness*, que Marlene Dietrich e Charles Boyer estão interpretando para a «Paramount», passará a chamarse *I Loved a Soldier* (Amei um Soldado).

É realizada por Henry Hathaway, o director de *Lanceiros da Índia*, e trata-se duma nova versão de *Hotel Imperial*, que a «Paramount» fez no silêncio, com Pola Negri, sob a direcção de Erich Pommer.

Os mandamentos do espectador cinéfilo

(Exclusivo para Cine-Jornal)

Por acharmos apropriadas à quadra do ano damos a seguir algumas recomendações ao cinéfilo estreante:

I
Se fôres ao cinema e não quiseses pagar o programa faz-te contrariação com a demora do porteiro em cortar o bilhete...

II
Quando fôres sozinho procura na planta da sala um lugar livre entre dois ocupados. É uma expectativa de ficares bem acompanhado!

III
É ressaltado o artigo anterior nos casos de freqüência aos cinemas sem planta nenhuma.

IV
Se tiveres menos dum metro e setenta centímetros de altura (vide «Estatutos dos Actores (de Cinema)» não permaneças no teu lugar de pé durante os intervalos...

V
No caso de seres apanhado a fumar na sala de exhibições faz o gesto amigável de tirar um charuto do cotele e dá ao bombeiro.

VI
Para te vingares dum espectador que te incomoda com o guarda-chuva faz

esta coisa aflitiva: lê as legendas em alto.

VII
Usando furúnculos, clinó ou certos insectos parasitas, não desprezíveis, fica com o chapéu na cabeça. Se te mandarem tirar podes mesmo explicar.

VIII
Ri alto durante os diálogos em audiência. Passarás por uma pessoa muito inteligente!...

IX
Nos filmes de cow-boys usa camisa xadrezada — é moda —, nas comédias americanas: bigode, e nas operetas do Eddie Cantor... maillo!

X
Queres um processo inevitável de dardes nas vistas? Cospe do balcão sobre a plateia!

XI
A cinéfila durante os intervalos não deve olhar para trás porque é feio. Poderá usar como recurso um espelhinho de mão. Usa-se muito e é inofensivo.

XII
Se a tua noiva admirar muito o galá diz-the, por exemplo, que ele sofre de qualquer coisa intestinal.

G. C.

Por que não faz o público a sua crítica?

A senhora Van der Elst é uma abnegada lutadora da semelhança daquela célebre sufragista Pankhurst, cuja estalada figura no jardim que dá acesso ao Parlamento Britânico.

Prezente apenas, o que já é muito, a abolição de pena de morte em Inglaterra. Para isso, luta com todas as vantagens que lhe concede o facto de ser mulher e com todas as desvantagens que a polícia inglesa lhe proporciona.

A sua principal arma de combate é a obstrução da via pública, nos arredores das prisões, em dias de enforcamento.

Ora se essa atitude lhe tem valido distúrbios, como por exemplo ser trizida perante os tribunais, por outro lado tem conseguido despertar a atenção do público.

Assim, são já por centenas as pessoas que a seguem naquela campanha e raro é o dia em que não regista inúmeras adesões. Em resumo: teima que conseguiu.

Isto vem a propósito de que os amuletos de bom cinema deviam, a exemplo da senhora Van der Elst, obstruir os realizadores e as empresas exhibidoras o caminho das más produções, manifestando-lhes o seu desagrado sempre que as tivessem de suportar.

A indiferença com que, por vezes, se aturam filmes de argumento e realização mais do que inferior é verdadeiramente peccaminosa.

Tenho assistido a sessões de cinema em que a maioria dos espectadores bocejia, suspira, agita-se nos lugares, sequestra a família e desperdiça o dinheiro sem proveito, mas são impassíveis e impassível recolhe a casa.

Protestar, para quê? Ora o protesto seria inútil. Não quero dizer, antes pelo contrário que se traduzisse na aborrecida e pouco correcta pateada que só provoca dores de cabeça. Mas porque não fazer sentir, por carta, à empresa exploradora do cinema ou ao realizador, se possível, a vantagem de apresentar trabalho mais cuidado?

Porquê esse silêncio que só serve para consolidar o mau gosto? Julgo que tanto para as empresas como para os realizadores as impres-

sões do público, quer de aplauso ou de desagrado, seriam para apreciar. Quanta beneficiária o cinema, sobretudo o cinema português, se realmente houvesse da parte do espectador uma vontade decidida, não de coibir com os que crimi os filmes e com os que os exibem?

Nada mais proveitoso do que o contacto íntimo entre o público que sugere, alvitra, põe defeitos e tantas vezes eleva uma obra, com desinteresse, sentimento e amor pelo que viu e ouviu, e o realizador que a põe de pé, a vive, para que os outros, por sua vez, a vivam também!

Perante as mais desencontradas opiniões, boas ou más, o realizador ou o exibidor poderão corrigir determinados defeitos, melhorar os seus êxitos, aperfeiçoarem-se enfim.

Intercâmbio necessário, à imitação do que se faz lá fora mas com aquele cunho pessoal característico do que é português, isto é, franco e sem papas na língua — eis o que se pretende!

Não recuar, dizer, aventar, propor. Só temer a crítica os falhados. E não é este o caso dum Leão de Barros, dum Colínelli Telmo ou dum Chianca de Garcia.

Aqueles que, em Portugal, criam cinema, subirão com inteligência, joelhar essas propostas e tirar delas o melhor. Não serão, acreditem, palavras que o vento leva...

Ao mesmo tempo, entendemos que é mister encorajar as empresas que, se afoitam a trazer até nós, filmes tão curiosos como «As quatro irmãs», uma das mais estupendas realizações que vimos até hoje.

Não teria o espectador ludo a ganhar com esta sugestão? Não seria interessante, realizadores e exibidores, conhecerem a opinião fundamentada do público, que nem sempre corresponde a dos críticos?

Limitar-se a dizer aos amigos: «não vás porque é mau», anda resolve.

É necessária, sim, uma forte e intensa acção crítica que indique a certos realizadores e exibidores o bom caminho — o caminho do que é artisticamente belo, do que vale o dinheiro que se lhes dá.

ULTIMA HORA

Marlene Dietrich, no Estoril!

QUANDO entrei na redacção, fiquei pasmado. A nossa casa de trabalho estava deserta. As secretárias, abandonadas. E a luz pardacenta, duma tarde triste, penetrava a custo pelas janelas semi-cerradas. Aquele ambiente de filme policial, pós-me apreensivo. Que se teria passado?

Um relâmpago ofuscante cortou o escuro, fazendo-me crispas os nervos.

Decidi também abandonar a redacção e ir para casa deliciar-me com o meu receptor de duas válvulas. Ai a atmosfera era mais acolhedora.

Ah! Mas naquela tarde invernos, em que os elementos tão furibundos se mostravam, a pouca sorte fizera-se minha companheira.

Após o ribombar do sétimo trovão, a chuva desabou em catarata.

Bonito! Tinha que ficar ali retido, como prisioneiro forçado. De modo nenhum podia expor a minha bronquite crónica a intempérie.

Ainda revistei os bolsos, procurando alguns cobres que chegassem para o «táxi», mas, ao cabo de 10 minutos de inventário, constatei que possuía uma moeda de cinco escudos... falsa!

Não havia outro remédio, senão aguardar o bom tempo.

Voltei a entrar na Redacção, acendi a luz e sentei-me à minha secretária, onde uma Shirley cheia de caracóis, parecia fazer-me pirraça.

No bloco de apontamentos estava uma nota escrita pelo director: *Preciso dum artigo sobre Marlene.*

Rejubei. Já tinha com que me entreter. O pedido ia ligar-me ao trabalho, enquanto a chuva não parasse.

Preparava-me para iniciar as minhas

considerações sobre a famosa estrêla, quando a campainha do telefone retiniu.

Diga!... Ordenei eu com voz de patrão.

Passados alguns momentos, julguei enlouquecer. O entusiasmo apoderou-se-me do coração e cheguei a recear que o órgão fundamental da vida, cortasse relações comigo. Os originais que estavam sobre as mesas de trabalho voaram em torvelinho.

A notícia recebida era simplesmente fantástica: «A Marlene estava no Estoril!».

De jornalistas, apenas eu sabia a bela nova; mais ninguém.

Um dos cozinheiros do Hotel, reconheceu a insigne artista e apressara-se a telefonar para o *Cine-Jornal*, comunicando a descoberta. E fora eu quem a recebera! Que belo tiro! Como no dia seguinte eu me havia de rir do Telmo Felgueiras, ao dizer-lhe que tinha entrevistado a Marlene e jantado com ela num «tête-à-tête» delicioso.

A chuva parara.

Não havia um minuto a perder. Apaguei um «táxi» para o Cais do Sodré e depois um comboio para o Estoril, fôram obra de momento.

Quando cheguei à capital da Costa do Sol, era noite cerrada. Uma chuva miudinha e impertinente, caía sem cessar.

— Vai forte a invernia. E logo a Marlene veio num tempo destes. Que má propaganda que ela irá fazer da nossa terra, para Hollywood.

Assim monologando, puz-me, em breve, no hotel. O cozinheiro que me telefonara chamava-se Romualdo. E daí a pouco, surgiu-me o senhor Romualdo, sujeito gordo e anafado, tendo na cabeça alto chapéu branco.

— É ela, senhor jornalista... O «chasseur» já me disse que está no quarto 17. V. Ex.^a, poderá abordá-la, talvez amanhã. Quando for para o banho, acompanhe-a.

— O senhor está louco... Quere, então, que eu vá com a Marlene para o quarto? Isso era um escândalo e, ela, certamente, não o consentia.

Banho no mar!

— Com este inverno?! inquiri eu, pasmado e batendo os dentes de frio.

— Não calcula! Ela é muito rija! Ai meu Deus, que já me cheira a esturro. E o bom Romualdo foi, cêlere, para a cozinha, não se queimasse o jantar.

* * *

Vocês não calculam como me relacionei depressa com a Marlene. No pri-

GEORGE MILTON, EM LISBOA

No próximo número «Cine-Jornal» publicará a melhor e a mais desenvolvida reportagem da estada de Milton em Lisboa e bem assim uma curiosa entrevista com a vedeta do cinema espanhol Carmelita Auber.

UMA NOVA DANÇA

Voando para o Rio de Janeiro revelou-nos a «carrioca»; a alegre divorciada, a «continental».

Pois bem! O filme da Columbia intitulado *Maria Elena*, e que tem Carmen Guerrero como vedeta, vai revolucionar os salões de baile, com a demonstração duma nova dança *A Bamba*.

Trata-se d'um bailado dolente, de ritmos cadentes e gestos garbosos (sic).



Charles Boyer, em «Mayerling», o grande êxito do ano, em Paris

meiro dia, nunca lhe dei a perceber que a reconheceria. Cheguei a dizer-lhe mal dela própria.

Disse-lhe que achava a Marlene Dietrich petulante, esanzelada, horrenda...

Ela concordou sempre!

No segundo dia, saltámos ao eixo e jogámos as cinco pedrinhas. Fizemos 100 metros em «crawl» e batemo-nos numa corrida pedestre. Em dado momento não pôde mais. Disse-lhe que a conhecia, gritei-lhe o seu nome. E ela sorriu. Considerou-me o maior jornalista de todos os tempos. As suas mãos níveas e esquiladas, tomaram-me a cabeça. Os seus dedos esguios e nervosos penetraram-me nos cabelos. As nossas bocas aproximaram-se, adivinhando lascívia. Mais, mais...

* * *

— Acorde, senhor Feio! Ó senhor Feio, acorde!

Os solavancos sucediam-se. A custo balbuciei:

— Beija-me, mais!

— Seu atrevido! Amanhã direi ao senhor Director, que o senhor me quis beijar.

Só então, acordei.

Na minha frente, em vez da aliciante Marlene, encontrava-se a mulher da limpeza que conta selenta e cinco rardias primaveras e a quem faltam 28 dentes.

A chuva tinha parado.

A Shirley olhava-me com ar mais trocista.

No bloco-notas lá estava o pedido: *Preciso dum artigo sobre a Marlene.*

ANTÓNIO FEIO

Manuel Roque da Silva

Manuel Roque da Silva, nosso querido amigo, chefe das oficinas de impressão e tipografia do nosso jornal, está de luto, pela morte de sua mãe extremosíssima, que se finou há dias.

Todos os que trabalham nesta casa sentem profundamente o golpe que atingiu tão duramente o nobilíssimo carácter de Manuel Roque da Silva e apresentam-lhe, comovidamente, a expressão sincera da sua maior pesar.

"Tempos Modernos" proibido na Alemanha

Tempos modernos, o novo filme de Chaplin, foi proibido na Alemanha. Segundo uns, o facto deve-se às pronunciações das tendências do filme para o comunismo. Segundo outros, a interdição foi motivada apenas por Chaplin ser judeu.



Maxime Contway! pirata... Um traço que forá sucesso, em qualquer baile de Carnaval



Delma Byron, uma nova versão do «vamp»...

AS CREANÇAS, OS MUSICOS E O CINEMA

Como devem estar lembrados, foi apresentado em tempo, à Assembleia Nacional, um projecto de lei, que se propunha regular a situação dos músicos desempregados (com a obrigatoriedade de lódas as salas contratarem uma orquestra, para substituir a música mecânica) e bem assim fixar as condições de admissão, nos cinemas, dos menores de 14 anos.

Cine-Jornal, pela pena do seu director, criticou, então, o projectado decreto; apontou o que nele havia de inexacto; focou a situação em que vive a industria — para concluir que era injusto e inoportuno. Apreciado na Câmara Corporativa, foi tornado público, agora, o respectivo parecer, de que foi relator o sr. Dr. Júlio Dantas, ilustre homem de Letras.

É uma peça magnífica, quer pela profundidade de argumentação e pela erudição que revela, quer ainda pelo brilho literário que o seu autor lhe imprimiu — e queremos aqui-lha nas nossas colunas, a fim-de que os leitores tomem dela o mais amplo conhecimento, tanto mais quanto é certo que vem reforçar e confirmar a doutrina que expendemos, no nosso editorial.

Lamentamos que a escassez do espaço nos impida de a transcrever na íntegra. Dela destacaremos os seus pontos essenciais, que mais nos interessam.

Uma injustiça flagrante

O ilustre deputado colocou, porém, a questão (desemprego dos músicos) no plano dos interesses meramente profissionais, e, por consequente, orientou a sua iniciativa apenas no sentido, aliás louvável, de assegurar condições de trabalho aos músicos executantes. De que maneira? Proibindo as casas de cinema das sedes dos distritos administrativos do continente e ilhas adjacentes de transmitir ou executar «música mecânica» no início, nos intervalos e no fim das exhibições cinematográficas; obrigando as empresas de cinema a manter uma orquestra orgaunizada pelo Sindicato Nacional dos Músicos, o que determina para elas um encargo que tem de ser suportado, em partes iguais, pelas referidas empresas e pelas entidades distribuidoras de filmes, sem compensação em receita, porque os preços de locação não podem ser elevados. Quere dizer: oneram-se os cinemas, já tributados fortemente (o próprio decreto n.º 13.561, de 6 de Maio de 1927, o reconhece no seu relatório), com o pagamento de uma nova contribuição; obriga-se uma actividade industrial privada, que pelos seus componentes já concorre, nos termos da lei geral, para o Fundo de Desemprego, a suportar o novo encargo do subsidio a uma determinada classe de desempregados; coagem-se as empresas particulares a pagar serviços de que absolutamente não carecem, sem se lhes conceder ao menos a liberdade de escolha das pessoas que lhes hão de prestar. A admitir semelhante doutrina, nenhuma empresa particular estaria amanhã segura de que a não obrigariam, por coacção legal, a receber pessoal inútil à sua actividade e a assumir encargos superiores à capacidade dos seus recursos. Em proveito, ao menos, do bem comum? Não. Ninguém acreditará que do facto de alguns músicos desempregados executarem, nos intervalos da exhibição de um filme, um ou dois trechos musicais portugueses, resultem, sob o ponto de vista superior da cultura, sensíveis benefícios para a arte nacional. Trala-se apenas, no caso sujeito, de sacrificar uma actividade em proveito de outra. Não é justo. Concorde plenamente a Câmara Corporativa em que se protejam, quanto possível, os interesses profissionais dos músicos portugueses; mas manifeste o seu desacôrdo quanto à forma de protecção adoptada neste projecto de lei.

Os músicos victimas do cinema?

Vem a iniciativa do ilustre deputado desacompanhada de elementos estatísticos comprovativos de que a industria cinematográfica, em Portugal, suporta novos encargos. Ainda que assim fôsse, não seria aconselhável hypôr-lhos em nome de um principio reconhecidamente injusto. Por que razão há de pesar sobre esta industria, e não sobre qualquer outra, a obrigação de subsidiar os músicos desempregados? Porque os músicos são victimas do cinema? Mas não foi apenas a cinefonia que os atingiu nos seus interesses profissionais; prejudicou-os, na idade do disco, a música registada; preju-

O notável parecer do sr. Dr. JULIO DANTAS sôbre um projecto de lei que se propunha regular a situação dos músicos desempregados e as condições de admissão dos menores de 14 anos nos cinemas

dica-os ainda hoje, mais do que o cinema, a radiodifusão. Além disso, entre as vilimas das formas standardizadas da arte não se encontram apenas os músicos, mas os escritores, os actores, os coreógrafos, os teatralogos-encenadores, os maquinistas, os indu-

mentaristas, os pintores-cenógrafos, os representantes, enfim, de todas as artes subsidiárias do espectáculo teatral, que, com o mesmo direito, reclamariam amanhã dos industriais do cinema subsidios de desemprego. A industria cinematográfica não é

culpada de existir; nem os actuals representantes dessa industria, que legitimamente a exercem, têm qualquer responsabilidade na invenção do cinema sonoro. Toda a obra da civilização (a que Christopher Dawson não quere que se chame «progresso») é, em última análise, uma série ininterrupta de crises. O fonograma determinou a crise da música viva; o cinema, a crise do teatro; a radiofonia, a crise do disco. problema para, cuja solução o governo Italiano convocou um congresso internacional, que se teria realizado em Roma, no mês de Dezembro último, se o houvessem permitido os acontecimentos politicos; e amanhã, naturalmente, a televisão produzirá a crise de todas as formas mecanizadas anteriores. Em qualquer caso, porém, do que não podem ser responsáveis, nem o disco, nem a cinefonia nem as ondas hertzianas, é do excesso de músicos profissionais, causa também, como ficou dito, do agravamento do desemprego no domilio desta profissão.

O cinema e o excesso de músicos

Supor-se-á que, com a invenção da radiofonia e do fonocinema, o número dos músicos diplomados diminuiu. Engano. Aumentou consideravelmente. Em 1909, antes do desenvolvimento das formas de arte mecanizada, o número global de inscrições e de matrículas, no Conservatório de Música, foi de cerca de 900 alunos; em 1919, esse número subiu a 1.534; em 1929, a 2.216. Procurou-se, na reorganização deste estabelecimento de ensino promulgada pelo decreto, com força de lei, u.º 18.881, de 25 de Setembro de 1930, estabelecer o regime do *numerus clausus* para a admissão à matrícula na disciplina mais populosa. Foi tal o clamor, que, até hoje, essa disposição legal não pôde ser cumprida. Como pretende o ilustre deputado, levando talvez longe de mais o seu generoso pensamento, que o Estado assegure a todos os diplomados da música uma colocação remuneradora? Assegura-a, porventura, aos diplomados das letras, da medicina ou do direito? E com que justiça quere obrigar uma industria privada a suportar as consequências desta plethora de músicos profissionais, se em nada contribuiu para ela — antes pelo contrario?

A utilidade social do cinema

Mas, vejamos a questão ainda sobre outro aspecto: o da utilidade social do cinema. «O filme — diz o técnico alemão Rosenthal, no seu estudo intitulado *Politica cinematográfica cultural* — não é uma mercadoria qualquer, nem um produto destinado apenas a divertir as populações; contém valores culturais de primeira ordem; representa um instrumento de propaganda, de vulgarização, de educação, digno de protecção igual àquela que, no direito interno e internacional, é concedida à arte e à literatura. Porventura ambicioso na expressão, este critério não deixa, sob determinados pontos de vista, de ser justo. Ponhamos de parte o «cinema educativo», que, como se sabe, tem acompanhado e servido, de maneira admirável, o movimento de renovação pedagógica dos últimos vinte annos; ponhamos de parte, também, o filme científico, de estrutura puramente didáctica (cinetecas médicas, agrícolas, técnicas, acção combinada da cinematografia e da ultra-microscopia, documentários auxiliares do ensino universitário, atlas cinematográficos Curt Thomalla); e, ainda, os filmes de propaganda popular nos dominios da hygiene, da eugenia, da puericultura, da prevenção social (*populärwissenschaftlicher Volksbelehrungs-film*), cuja utilidade é já hoje indiscutível, mas que não interessam ao caso sujeito. O próprio cinema de diversão pública, o fonofilm vulgar que se projecta nas casas de espectáculo constitui um poderoso agente de cultura — mesmo quando não tem a pretensão de o ser — não só porque facilita, com um poder de diffusão superior ao do livro, conhecimentos de historia, de filosofia, de ciências naturais, de ethnografia, de geografia, mas ainda porque oferece, no campo da ética, da estética e da psico-estética, infinitas possibilidades educativas — desde, evidentemente, que os valores morais sejam respeitados na concepção da obra e assegurada a sua perfeita realização artistica.



Ginger Rogers, a mais dinâmica, a mais trepidante, o mais vivo das «vedetas» do tela americana

(Continua na página 14)



Amor de

Amava o marido. Ansiava sempre pelo momento em que Johnny pudesse abandonar os seus afazeres ou os estúdios a dispensassem qualquer dia. Caiu à cama, e esteve doente quatro meses. Quis que seu marido tomasse nota de todas as despesas — e pagou-as integralmente.

Foi assim que se iniciou essa independência financeira, que tomou foros de autêntica mania. De seu marido não quis aceitar mais do que um anel modesto, que estima mais do que todas as jóias modernas.

* * *

Durante os primeiros anos de casada, Elissa dividia o seu tempo entre o palco

e a tela, esperançada em poder dedicar-se inteiramente ao seu lar — e fazer o que se chama vida de família. Mas Hollywood descobriu-a. Não teve coragem de resistir às ofertas tentadoras que lhe fizeram. Seu marido deixou-a ir e jurou-lhe que havia de triunfar e fazê-la voltar, para que finalmente realizasse o seu sonho.

Os meses passaram-se — e ela esperou em vão.

* * *

«Estive resolvida a abandonar tudo — conta ela. — Queria tornar a vê-lo, fosse por que preço fosse, mas tive que me convencer de que algo o separava de mim. No entanto, na Europa ninguém se divorcia por tais motivos.»

Mas teve que se resolver. Invocou a incompatibilidade de gênios.

«Não podia abandonar Hollywood. John tinha que ficar em Londres. Procurei, por isso, não dar que falar. A minha conduta era impecável. Foi por isso que aqui começaram a dizer que eu era fria...»

* * *

Foi uma calúnia maldosa. Elissa sofreu com o epíteto de «a mulher mais fria de Hollywood». Mas preferiu essa reputação a entristecer seu marido.

Ele foi vê-la em 1932. Elissa transfigurou-se. Virou-na risonha, feliz, estuante de vida, de braço dado com ele. Quando deixou, voltou à sua solidão.

* * *

«É ridículo dizer que nos divorcamos — para continuar a ser bons amigos! — Não creio que me torne a casar. Mas se assim suceder, seja no dia em que possa viver para o meu lar e ter muitos filhos.»



Amor

NUNCA fui uma mulher que vivesse para a sua casa. No entanto, se o pudesse ter sido, ainda que fosse por um ano apenas, faria uma vida de mulher casada e teria tido um filho...

Não há amargura na voz de Elissa Landi. Mas pressente-se uma enorme tristeza. Há quatro anos que está em Hollywood e nunca quis falar sobre o seu casamento. Conseguiu manter um silêncio impenetrável, nessa cidade, onde o amor se utiliza para tudo — até para fins publicitários. É claro, não pôde evitar que com os mais descontraídos boatos se pretendesse justificar este silêncio, mas o certo é que Elissa nunca se deu, sequer, ao trabalho de os desmentir.

Vamos revelar, finalmente, a verdadeira tragédia do seu casamento e as determinantes a sua estranha atitude.

* * *

No dia 28 de Janeiro de 1928, desposou, em Inglaterra, John Lawrence, um dos mais célebres advogados do reino. Conheceu-o, certa noite, em casa de duas pessoas amigas e, desde então, nunca mais deixaram de se ver. Um belo dia foram convidados para um casamento... Dias depois, como os noivos que haviam visto, correram, cedinho, a uma das verdejantes aldeias dos arredores, compareceram ante o pastor — e casaram como quaisquer outras pessoas.

O facto define já o feito de John Lawrence. Alegre, espirituoso e erudito — gostava imenso destas decisões — para assombrar as turbas. Ensinou Elissa a ser uma rapariga alegre e optimista, ele que era romântica e sonhadora.

E tinha razões para isso. Começara cedo a luta pela vida. Aos catorze anos trabalhava. Aos 18, era independente. Desde então, manteve-se à custa do seu trabalho.

* * *

Casou por amor e só por amor! Ignorava que o casamento não se fizera apenas

para o amor. No entanto, não condena seu marido pelo facto de ele não se ter podido furtar aos seus afazeres, mas sim por não ter feito sobre si o esforço de que ela o supunha capaz.

John Lawrence permitira-lhe, quando se casaram, que continuasse a ganhar a vida, e, enquanto a sua situação não se definisse, ajudar as despesas da casa. Até hoje, é de sua conta a renda da casa que mantém em Londres, muito embora saiba que, nela, nunca mais lá entrará.

Dois dias antes do seu casamento, Elissa assinou o seu primeiro contrato para o cinema. Pediram-lhe que partisse imediatamente, e, a 29 de Janeiro teve que ir para Malta filmar os exteriores. Três semanas depois, voltou a Inglaterra e começou outro filme. A seguir iniciou o terceiro. E, assim por diante. Era «desesperante» — confessava ela.

* * *

O trabalho para ela não tinha alegria. Não buscava nem a glória nem a fortuna.

por

Elissa Landi



AGÊNCIA DE CASAMENTOS

TODOS nós temos na vida um ideal, temos mesmo vários ideais: chegamos mesmo a ter vários ideais em cada dia, em cada hora... em cada segundo até. No entanto, há pessoas mais idealistas do que outras. Existem, por exemplo, os lunáticos, e existem também os viciados. Eu sou um viciado dos meus ideais. E dentro da infinidade de ideais que alimento, há dois a que dedico um carinho muito e muito especial. Um deles é a ida a Paris — com o fim de ver as coisas de que toda a gente fala e principalmente as coisas de que ninguém fala —; o outro a ida a Nova York. Nas últimas semanas tenho dedicado mais carinho à ideia da ida a Nova York, pois julgo estar em Paris dentro de meia dúzia de meses. Com respeito a Nova York, o caso está sendo mais difícil de resolver, julgo mesmo que não consigo descobrir solução satisfatória, e por isso penso nela mais a miúdo.

Pois bem, há dias fui ao cinema com uma rapariga — boa pequena por sinal — com quem penso casar dentro em breve, ou melhor, o mais brevemente possível. Ao nosso lado, instalou-se certo casal: folheava uma curiosa guia de turismo, que chamou a minha atenção. Uma das páginas era ocupada por aquela horrível coluna vertebral possui um elevador, e fica mesmo à entrada de Nova York (como vêem, sei pormenores e falo com certa familiaridade).

Recapitulando: fui ao cinema, tinha a meu lado uma rapariga com quem vou casar (que conteu ela vai ficar quando ler isto) e vi um folheto sobre a América. Deitei-me e sonhei. Localizei o meu sonho — em que entraram actores de cinema e casamentos — na América.

Esta explicação pormenorizada não tem por fim dar-vos um exemplo que sirva para os vossos estudos sobre as teorias de Freud, mas sim, procuro evitar que me chamem doido!

AGENCIA DE CASAMENTOS CINEFILOS

Envergava calças de golf e camisa de desporto. Atarefado, corria, dava gritos, falava ao telefone e gesticulava (os gestos eram mais rasgados que os dos nossos actores de teatro histórico). Era o director duma importantíssima agência de casamentos cinefilos (vê-se logo que isto se passa na América).

Nun estúdio, enorme, estavam todos os actores e actrizes mais conhecidos.

Mande alinhavos os homens a meu lado e as mulheres a outro. Assim, poderia escolher melhor os tipos que devia juntar, de forma a fazer a felicidade dos condecorados e a exaltar os méritos da agência.

Para mandar despir as actrizes, pois quem vê vestidos não vê carnes. De repente, lembrei-me que já tinha visto todas aquelas mulheres em trajos ultra-menores e por isso conhecia bem o... encoberto.

Francamente, na presença de tanta gente, era difícil saber por onde devia começar! A minha carcassa era alvo de milhares de pupilas (que não eram... precisamente, as de Leão de Barros). Em todos os olhares transparecia nitidamente o desejo de obter um par... citoso. Em algumas fisionomias, pelo contrário, notava-se um certo receio e até má-vontade



pela ideia. Franziam a testa e diziam com maus modos aos seus botões: «sta coisa de me casarem!... Que maçada».

Pedi emprestado a Mussolini aniele ar imortante e desilei ante a fileira dos homens. Não foi preciso andar muito para deparar um dos actores de costas. Irritoni-me esta atitude. Pousei-lhe violentamente a mão no ombro e, com um puxão, obriguei-o a voltar-se. Era o Charles Farrel.

— Por que razão não está perfilado, como os seus colegas?

Não respondeu; Mas olhou para a fila da frente, onde se alinhavam as actrizes. A-pesar-de não ler livros policiaes, descobri tudo. É que mesmo defronte estava a Janet Gaynor com o seu 1,57 de altura. A policia de informação da agência havia-me comunicado que estavam de relações cortadas e que já não trabalhavam juntos. Compreendi tudo. Fitei a Janet: tinha a cabeça inclinada sobre o ombro esquerdo (este pormenor não pode passar despercebido ao director da agência de casamentos) e parecia dizer com voz muieta:

— O Charles é um mausão, não quer representar comigo.

Fêz-me dó a pobre pequena; com ar importante disse ao Charles Farrel:

— Homem, não esteja a armar «em caro» — e depois, em voz mais baixa: — Não sabe que sem ela nunca mais fez nada em termos.

Empurrei-o para a Janet. Ela sorriu e de pegou-lhe ao colo para lhe conseguir dar um beijo.

Senti uma sensação extraordinária de prazer. Tinha iniciado a minha tarefa; reabilitará dois amigos e valorizara dois artistas. Comecei bem.

A VELHA EMPENHOCA

Nesta altura fui abordado por um *groom* vestido de lagarto, perdão, vestido de verde. Trazia uma carta fêmeinamente perfumada. Abri-a. Reconheci imediatamente a letra da Jean Parker. Pedia-me com insistência — relembrando a nossa camaradagem em pândegas faustosas — para a casar com o Weissmuller, vulgo: Tarzan. O meu espírito de justiça não cedeu. Não havia direito. Chamei logo a Maureen O' Sullivan e o Weissmuller e participei-lhes que estavam casados. O cinema celebrizara-os; Eu os juntei. Separá-los, seria uma injustiça que ao meu espírito, amoroso por officio, repugnava.

O JOHN BARRYMORE É ATRADIÇO

Aproveitei para a minha distração e puseram-se à vontade. Alguns dentro da linha, e outros... fora da linha.

O John Barrymore, a-pesar-de já velhote, fitava insistente e atrevidamente o decote da Greta Garbo. E calculem que a Greta Garbo estava corada e para ela corar... Desde *O Grande Hotel* que ele tem esta mania. Ia para casá-los, mas lembrei-me, de repente, que os seus beijos são imensamente demorados... E por isso deixei-o solteiro. É que na América um bom marido não pode perder tempo com semelhantes ninharias.

Mas a Greta Garbo tem que casar. Realmente o John estava indicado; conheci-se bem, portanto, deviam ser felizes. Tanto mais que a Greta Garbo precisa dum marido que já não seja criança, porque senão abusa e faz do homem

MENAGAS CINEFILOS

«gato-sapato». Deve ter ataques de histerismo e com aquele ar felino...

Talvez o Clark Gable sirva. Fui imediatamente dizer-lhe para ir buscar o «lrio da Suécia», como lhe chamam os furiosos pseudo-cinefiros.

Mas ele disse-me convictamente: «Vou, sim senhor, mas se ela vem para cá armar em pessoa importante, leva dois estalos e entra logo na linha. Não estou para aturar vaidosas». Clark é um grande actor, mas é bruto como as casas. Nos filmes, agride todas as mulheres bonitas que gostem dele. Tive pena da Greta Garbo: não havia direito de lhe preparar tal futuro. Levava alguma bofetada na noite do casamento, pela certa...

Entreguei-a ao Erich von Stroheim, que é um grande actor, já a conhece do *Como tu me desejas*, e tem um ar vivo, que impõe respeito aos caprichos histéricos da Greta Garbo.

E O CLARK GABLE...

Depois do curto diálogo que mantive-mos o Clark Gable ficou a meu lado. Reparei no seu ar sensualão e pensei na necessidade de lhe arranjar uma mulher com o mesmo tipo. Passei os olhos pela fila das actrizes. Lá estava a Joau Crawford com os seus sensualísimos lábios. Olhei-a dos pés à cabeça. Gingava as ancas provocantemente (estou convencido de que aquilo não são ancas mas sim um fuan, com um poder atractivo sobrenatural). A boca é um caso muito sério. Um beijo dado por aqueles lábios deve ser uma autêntica ventosa.

Estão um para o outro, não há que pensar.

RAMON NOVARRO

Abeirou-se de mim este homem-lindo. Veio dizer-me ao ouvido que gostava muito da Greta Garbo. Exaltei-me: «Não seja parvo; Lembra-se da triste figura que fez na *Mala-Hari*? Tenha vergonha». Corou e começou a roer as unhas. Depois, com voz trêmula, disse-me: «Olhe que as mulheres dizem que sou muito bonito».

Empurrei-o para junto da Norma Shearer. Ficou um par de belezas... de testável.

JEAN KIEPURA

Com aquele ar de burguês que lhe é característico, lá estava o Kiepura.

Quando notou que o olhava, fez uns salamaques e disse que sabia cantar todas as óperas célebres. «Mas este cavalheiro estará em moda muito tempo» — perguntei de mim para mim. Não esperei a resposta, pois lembrei-me de Jeanette Mac Donald. Dão um par deliciosamente sensaborão. Ele baixo e gordinho; ela, ao lado, alta e com aquele queixo de violinista.

E depois, lá em casa, vão dizer tudo a cantar.

Visionei logo esta cena cheia de ternura:

Jeanette
Vai fazer-me uma onelleto.

Ela

Kiepura, meu deloite,
Queres com banha ou com azeite?
Delicioso, não acham?

CASAMENTOS EM SERIE

O Raul Roulien e o José Mojica esta-



vam juntos. O primeiro ficou com a Conchita Montenegro, pois lembrei-me que na vida real, casara com ela há pouquíssimos meses. Ao Mojica dei-lhe uma *girl*, que tem muita paciência para fazer fretes e aturar maçoadores.

Ao Clive Brook resolvi entregar-lhe a Brigitte Helm. Sabem porquê? Porque o Clive Brook tem mesmo tipo de quem gosta de passear com uma mulher bonita.

A Lillian Harvey ficou solteira, pois não encontrei nenhum homem com um tipo tão espiritual, tão sonhador, como esta rapariga tão diferente das outras, que chegam a ter medo de a desajarmos.

Lillian Harvey é um sonho e os sonhos não devem realizar-se para não perderem toda a sua beleza, e a sua beleza está em serem — sonhos.

Casou Anna Sten com aquele Ronald Colman, que tem a mania de ser galã. A razão que me levou a juntá-los foi a seguinte: a Anna Sten tem tipo de quem atraição o marido, e o Colman tem cara de quem não se importa de ser enganado.

Acasalei a picante Jean Harlow com o ensonso Henry Garat. Liguei a Miriam Hopkins ao Frederic Marsh. São duas pessoas muito simpáticas, dois grandes actores, e desde que ela apareceu a balouçar aqueles rerna estonteante no *Mé-dico e o monstro*, o Marsh nunca mais viu outra coisa...

CHEVALIER

Desde que iniciiei esta cerimónia nupcial, o Maurice Chevalier não fez outra coisa senão piscar o olho a todas as celebridades da tela.

Não lhe escapou nenhuma, desde a Sílvia Sidney até à Lupe Velez, desde a Anabella até à Florelle.

Perante esta atitude, tive a ingenuidade de o julgar ansioso por contrair matrimónio. Completa ilusão! Mal notou que lhe estava a procurar uma actriz para companheira, ficou pálido. Em passos vacilantes aproximou-se, e, com cara de santo, veio pedir-me, por tudo, que o deixasse solteiro, eternamente solteiro. A-pesar-de quarentão, queria continuar a gozar a vida; «je suis mi bon vivant», disse ele.

CHARLES BOYER

Encarei com o Charles Boyer. É dos actores por quem tenho uma maior admiração. Considero-o formidável, extraordinário.

Ora, tendo a sua felicidade nas mãos, queria demonstrar-lhe a minha admiração escolhendo-lhe uma companheira digna. Com quem deveria casá-lo?

Marlene... é uma artista admirável, mas não pode fazer a felicidade dum homem com a psicologia de Charles Boyer.

Resolvi casá-lo com a Dorothea Wiecks. Tem talento e um tipo meridional que liga absolutamente com o actor predilecto da nossa Beatriz Costa.

UM MARIDO PARA A MARLENE

Falei da Marlene. Esta mulher preocupa-me. É tresloucada, mas tem uma expressão que entre muitas coisas deixa transparecer um sentimentalismo amoroso

Os cães estão na moda, em Hollywood. Houve tempo, em que a paixão zoológica das vedetas se concentrou nos animais ferozes (no estado de bebês). Todas as estrêlas se fotografavam com leões e leões de mama, ou tigres que pareciam gatos.

Quando os não tinham, pediam-nos emprestados ou alugavam-nos aos oportunistas que haviam montado «menageries», que pareciam «nurseries» e que faziam um negócio doido com os seus animais ferozes fotogénicos. incapazes de se impressionarem com os «tiros» de magnésio, aptos a «posarem» ante o mais exigente dos fotógrafos...

Passou a moda dos animais ferozes, veio a dos cavalos. Hollywood inundou-se de «puros-sangues», e dir-se-ia que se estava na brumosa Irlanda, à força

dia, convidou «touts» Hollywood para ver a maravilha máxima, no capítulo de aves — e com grande escândalo dos circunstantes exibiu dois pinguins... empalhados...

Os cães, depois de tantas variações, estão agora na berra. São, não resta dúvida, a última paixão zoológica da Cinelândia.

Os cães, sob o ponto de vista «social», dividem-se, em Hollywood, em duas classes: os cães actores — e os cães de luxo.

Os primeiros são verdadeiros profissionais. Passam uma autêntica vida de cão... Amarrados ao estúdio, trabalham



de ouvir falar em toda a parte em concursos hípicas, «jockeys», alazões magníficos e pilecas da trama. A história do cavalo cego do Romão repetiu-se entre as vedetas, que pagaram por bom preço animais de mérito corrente.

Depois dos cavalos, as vedetas dedicaram-se às aves. Construíram-se viveiros magníficos, nos recantos paradisíacos dos jardins floridos da Califórnia. Todas as vedetas caprichavam no seu aviário, onde se viam desde o banal canário com «voz» à Kiepurá, até aos perálidos pavões e a deslumbrante e «senhoril» ave do paraíso.

Conta-se até que Clark Gable, certo

intensamente, têm que aturar realizador e artistas — e não vêm vê-los. Eles é que trabalham e os donos é que recebem a massa...

Com os cães de luxo dá-se o contrário. Os donos é que passam vida de cão!

Eles, por seu turno, dormem em almofadas de seda, comem bifes ao almoço e dão o seu passeio de quando em quando. Viajam em cabine de luxo e têm uma vida absolutamente parasitária.

Os primeiros são submissos, desprezíveis — vivem para agradar aos outros. Os segundos são egoístas, vaidoso-



Os cães são os animais favoritos das estrêlas



so, emproados — vivem para que se agradem deles.

No mundo dos homens e no mundo dos cães — o paralelo mantém-se...

Na terra da infidelidade e da inconstância — os cães são um paradoxo e um símbolo...

O cão de Rudolfo Valentino — não subsistiu à morte do seu dono, tal como o de Jorge V. que morreu de saúde poucos dias após o passamento do monarca inglês.

As duas ex-mulheres de Valentino choraram lágrimas de crocodilo...

Há cães que são revelações, quando actuam ante a câmara. Citamos três exemplos: o cão de Mirna Loy, no *Homem Sombra*; «Buck», na *Ambição do Ouro*, «Flash», nas *Virgens de Wimpole Street*.

nho. Quando se casa e quando se divorcia compra um cão!... Tem um canil respeitável, como devem calcular — e ainda agora ela vai no princípio.

Quando os contempla parece dizer: «quanto mais conheço os homens, mais gosto dos cães!...».

A última exposição canina realizada em Los Angeles foi notável, mais pelo número de transacções efectuadas do que propriamente pelos exemplares expostos. Um casal de galgos russos, «bisnetos de uns, que pertenceram aos últimos Imperadores da Rússia» — resava o cartaz — foram adquiridos por uma fortuna fabulosa, por Greta Garbo.

A artista estava ausente na Suécia, mas a compra foi ordenada por ela, expressamente, por telegrama. Segundo parece, a vedeta destina-os ao seu próximo filme.

Hollywood, neste momento, está



Venceram, porque foram apadrinhados por Myrna, por Clark Gable, e por Norma Shearer...

«Quem não tem padrinhos — morre moiro!». E este ditado é certíssimo no cinema — mesmo quando se trata de cães.

Jean Harlow tem um capricho extra-

cheia de cães, de todos os tamanhos e de todos os feitios.

Até quando?! Eis uma pergunta a que não sabemos responder! Até o dia em que as vedetas, sempre inconstantes, se não lembrem de coleccionar outros animais, sejam eles elefantes da Índia ou kangurus australianos.

MÁRIO AUGUSTO

No próximo número: um sensacional artigo de Gualter Cardoso

NÃO se compreende facilmente que Jacques Feyder tivesse andado, por tanto tempo, arredio das lides cinematográficas. O meio francês não anda assim tão rico de valores que se ache natural este desemprego do autor da «Tereza Raquin» e dos «Novos senhores».

O certo é que o longo afastamento de Jacques Feyder em nada embebeu os muitos dotes que possui o notável realizador.

A «Quermesse heroica», apresentada no Tivoli quasi ao mesmo tempo que em Paris, mereceu, indiscutivelmente, o primeiro prêmio do cinema francês. Melhor fora dizer cinema europeu, e da mais pura água.

Porque se se adivinha o espirito gaulês desde que os personagens se põem a falar e, de uma maneira geral, em toda a estrutura do filme — a maneira de realizar, o ambiente criado, a preocupação de dar verdade ao mais pueril pormenor e, por sobretudo, o recorte das figuras e a sensibilidade que delas emana, fazem da «Quermesse heroica» um filme cem por cento europeu.

Daí a satisfação íntima com que assistimos à sua exibição e a admiração que nos cansou esta revelação das possibilidades do cinema francês, feita precisamente no momento em que este era considerado como em decadência ou, pelo menos, enfermando de grande desorientação.

* * *

Há vários episódios no filme que urge recordar, ver de novo desenrolar na tela. Assim, o do par de amouros quando se encontram sós na lórra que domina o burgo e os aproxima do céu...

Ela quer que ele diga qualquer coisa de nunca pronunciado que traduzo como merece o sentimento que os une e os retém ali, de mão dadas, olhos nos olhos.

Ele, então, concentra-se, ausculta o coração e, num brado de alma, diz realmente qualquer coisa de inédito, de só



Marions Hopkins, uma das mais curiosas personalidades do telo, feita na opinião rigorosa dos estetas, mas bonita pela sua graça, pela sua frescura e pela sua simpatia

ouvido pelos outros: — je l'aime, je l'aime...

* * *

A evocação do flagelo da invasão espanhola (espanhola, francesa ou alemã, tanto monta...) é das passagens que dão à «Quermesse heroica» a categoria de filme excepcional.

Em quadros rápidos, de ritmo alucinante, passam ante os nossos olhos os horrores do saque.

E ficamos a pensar o que faria um realizador alemão ou russo no lugar de Jacques Feyder.

Demorar-se-ia complacentemente em cenas por demais realistas; havia de nos apresentar a brutalidade da humana criatura — ao microscópio.

O realizador francês, sem prejuízo algum para o efeito requerido, fugiu elegantemente aos escolhos que se lhe antepunham, teve tacto.

É uma qualidade essencialmente francesa esta de ter tacto. Parecendo que não, não está ao alcance de lórras as mãos...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

O Carnaval nos cinemas do Porto

O Carnaval, a despeito do denodado esforço de todos quantos têm procurado imprimir-lhe uma feição moderna, não tem características próprias nos cinemas desta cidade.

São quatro dias em que programas duplicam, quasi sempre completados ou organizados com filmes alegres, optimistas ou estruturalmente cómicos, e têm, como novidade, uma série infundível de intervalos, durante os quais riscam o ar os mais variegados projecteis.

São espectáculos que terminam por volta das 2 ou 3 horas da madrugada e em que os foliões dão largas à sua alegria quando, no «écran», não é projectado o filme.

É mesmo muito curioso observar que o Carnaval nos cinemas se resume aos intervalos.

Porém, após o intervalo de maior animação, em que a alegria possa atingir o auge, depois da mais esfuziante e endiabrada alacridade, a alegria que caracteriza a hora presente, o salão mergulha na escuridão, ou na meia luz,

inicia-se a projecção e, acto contínuo, todo o ambiente mergulha em sepulcral silêncio, e todos dedicam ao filme que se exhibe o máximo de atenção.

Há, na verdade, os foliões permanentes, reduzida minoria que não consegue, por muito tempo, incomodar aqueles que ainda não viram o filme — estreia ou «réprise» — ou, se o viram, preocupam-se em rever qualquer passagem mais curiosa — talvez na defesa do prego da entrada.

Outro intervalo surge e, novamente, a alegria, a folia, a brincadeira, volta à sala, com os fitas, os papelinhas, os balões e as gatinhas, para se repelir o antecedente.

* * *

Nos «halls», salões de festas ou salas de espera é colocada uma orquestra, motivo porque é anunciado o baile, como fazendo parte do espectáculo.

Nesses bailes, onde geralmente não se dança, não há alegria, não há, sequer, um salutar optimismo, e se existe um movimento fora do vulgar é porque, como ninguém tem vontade de se divertir, todos passam o tempo à procura de ver alguém que brinque, que se divirta.

O Carnaval, nos cinemas do Porto, não tem características próprias porque tudo e todos se confundem, se misturam, se atropelam sem graça, sem mocidade e até sem leniura.

A falta de alegria é oriunda do eterno «parece mal» que algema impiedosamente a mocidade cinéfila.

Por isso é que no dia seguinte, como na mulação duma mágica, tudo volta à primeira forma, ao uso convencional daquele ar circunpecto, sisudo, acanhado.

* * *

No entanto, adentro dos cinemas do Porto, o Carnaval podia ter um ambiente próprio, curioso, novo e até, se quisessem, alado, romântico.

Mas, parece que um nevoeiro de tristeza fêz sossobrar a juventude desta geração.

Nem o cinema, com o seu eterno Carnaval de vida, de vitória, de mocidade, consegue modificar a vida, a mocidade, o desinteresse deste Carnaval — nos cinemas.

CARLOS MOREIRA

**Crónica
da
Semana**

**Carta
do
Porto**

O RAL

A propósito dum boato que, provavelmente, se não confirma



Os boatos são, geralmente, como as cerejas. Vêm uns atrás dos outros, quando não caíam todos ao mesmo tempo...

Não nos admiramos, pois, com um que, nos últimos dias, tem circulado nos meios teatrais, com assustadora intensidade. Nada mais nada menos do que isto: — Ia ser publicada uma disposição que obrigaria as nossas artistas do teatro ligeiro a apresentarem-se em cena decentemente vestidas!

É claro que quem contava, com ares misteriosos, esta catastrófica novidade, não explicava, possivelmente por falta de porneiros, o que se poderá chamar uma atriz de revista decentemente vestida...

Quere-nos, porém, parecer que o boato em questão não deve passar daquilo que na realidade é: um simples e vulgaríssimo boato.

Primeiro porque não se compreenderia muito bem um espectáculo de revista com as artistas e girls com saias até abaixo; e depois porque essa onda de moralidade, a espalhar-se, iria, por certo,

teatro

no cinema

e nas

atingir o cinema. Ora como os esplêndidos filmes de girls que temos podido apreciar, nos vêm, na sua totalidade, do estrangeiro, não seria fácil tarefa vestir cá as raparigas, depois do filme realizado...

Não reparámos, até agora, que no nosso teatro se tenha abusado do nu. É certo que os grupos de girls, quando não vestem os nossos clássicos trajes regionais, limitam, ao mínimo, a sua indumentária. Mas, quere-nos parecer, esse mínimo é o suficiente para que os espectáculos apresentados não ultrapassem os firmados limites da decência. Nunca estranhámos que, no nosso teatro, as artistas e coristas se apresentassem excessivamente nuas. Temos estranhado, é certo, que algumas se dispam. Mas só porque o seu físico não justifica, em nada, tal arrôjo...

Suponhamos, porém, que essa determinação vinha a ser um facto, e que se conseguia, embora com evidente prejuízo das empresas, obrigar as artistas a apresentarem-se em cena completamente tapadas.

Como conseguir igualar o Cinema a tal resolução?

Privando-nos de certos filmes estupendos que temos visto?

Seria uma crueldade que os nossos cinéfilos não perdoariam...

É, supondo ainda — e visto que estamos no caminho das hipóteses —, que tudo isso se conseguia e realizava, mesmo contra a vontade de todos, ainda que com a desaprovção geral, — como proibir no teatro e no cinema um espectáculo que, precisamente por não ser indecoroso, é permitido nas nossas praias, como aliás nas de todo o mundo civilizado? Caso complexo seria este de querer fazer andar o mundo para trás, e avaliar da moralidade das pessoas pela altura do maillots que vestem...

E, de resto, parece-nos que o nosso público não é, positivamente, tão avan-

çado, que seja necessário proibirem-se, nos palcos, manifestações indecorosas...

Estamos certos de que, à primeira tentativa para fazer descer o teatro do nível em que ainda se encontra, o público seria o primeiro a marcar, nitidamente, uma posição de desagrado...

Queremos fazer ao público esta justiça, como a fazemos às empresas e às artistas...

* * *

Debatido tem sido, bastas vezes e em inúmeras revistas e jornais, o problema, tão melindroso, da moralidade.

Até que ponto se pode considerar decente, no palco, o vestido duma artista? Onde começam e onde acabam as fronteiras da moralidade?

Não sendo fácil responder a estas perguntas, mais difícil se torna legislar sobre assunto de tamanha transcendência...

Há muitos anos, uma artista que se apresentasse no palco sem o antipático maillots seria corrida, por imoral — mas, nesse tempo, também os fatos de banho, nas praias, eram por baixo do joelho...

Nã estética, como em tudo na vida, as coisas correm paralelas.

Recuar, não será um crime. Mas é, pelo menos, um impossível... Como deter o andamento das coisas, como sustar uma evolução que não está só nos fatos das artistas, mas sim em tudo o que nos cerca?

É difícil, em nosso entender, resolver tão intrincado assunto.

* * *

Mas descansem. Aquilo, afinal, não deve ter passado dum boato...

O HOMEM QUE PUXA O PANO

A moralidade e a imoralidade do nu, no palco e na tela



Depois da América, Portugal fará a guerra ao nú?



Uma admirável comédia da UFA

a estreiar no
CENTRAL CINEMA

Um dos espectáculos máxi-
mos, no seu género

ESPOSOS

MAIS uma comédia sumamente agradável, esplêndida de espírito, leve, deliciosa, cujo argumento, realização e desempenho constituem uma parada de valores e recursos de diversão deveras difícil de reunir, de novo, num filme.

Encanta, por isso, e diverte sem cessar, porque se impõe pelo bom humor do seu diálogo, pela graça das suas enredadas situações, pela riqueza da sua «mise-en-scène» e excelência do assunto, sem dúvida interessante e original.

Esposos Celibotários é das mais brilhantes comédias musicais que a Ufa tem produzido, nestes últimos tempos. No género alegre, pode considerar-se uma obra modelar. Graça espontânea, orientada com perfeito canhecimento do gosto do público,



CELIBATARIOS

situações hilariantes, alegria, movimento e lindas canções, tudo isso esta admirável película comporta para fascinar e divertir as nossas plateias.

com Mona Goya, Sim
Viva e Felix Oudart



A anedota é um achado. Provoca estrepitosas gargalhadas, pois todo o seu desenrolar se mantém numa atmosfera irresistível e de agrado unânime. É a história dum homem casado com duas mulheres e que não sabe qual delas é a sua verdadeira esposa. Imagine-se que belo, divertida e alegre espectáculo este enredado embróglio promete. A realização é de Artur Robinson. Nos principais papéis actuam Sim Viva, Mona Goya, Pizella, Gabaroché, Felix Oudart e Madeleine Guitty. Um núcleo de esplêndidos artistas, há muita consagrados neste género, junto do público.



MARILYN David, uma linda rapariga e uma razoável dactilógrafa, tódas as quintas-feiras, à tarde, encontra no banco dum passeio público, o repórter Peter Dawson. Comem juntos *popcorn* (milho torrado), que Peter declara preferir ao amendoim, porque tem sobre estes a vantagem de evitar a maçada de os descascar.

É claro, Peter está apaixonado por Marilyn, mas ela não lhe consagra mais do que uma sincera afeição, e acha mença graça a tódas as suas piadas. Aguarda serenamente o homem dos seus sonhos, para então lançar os alicerces dum lar estável, dum lar burguês. Peter acha-a absolutamente «bota de elásticos», mas a verdade é que a linda rapariga, romanesca até à medula, não aplaude os modernismos de Peter, que se descalça à sua frente para dar um pouco de ar aos seus pés.

Um dia, no apertão do «metro», Marilyn trava relações com um homem, tão belo como simpático, que socara valentemente um condutor insolente. Em riscos de ser preso, encontra, na pessoa de Marilyn, o seu anjo da guarda. E escapa, graças ao interesse com que ela o faz olhar uma mostra de aparelhos ortopédicos.

Entre ambos nasce uma simpatia recíproca. Declara chamar-se Charles Gray e, no sábado, leva-a ao Luna-Park. Que faz ele? Está sem emprego, confessa... Sensibilizada, Marilyn quer dividir as despesas ao meio, o que ele não consente.

Aos domingos vão passear para a praia. E começam as confissões de amor.

— É curioso! É tal qual o homem que eu sonhava! dizia Marilyn. E sabe?... Até gosto que não tenha trabalho... Quero-me interessar por si e hei de arranjar-lhe uma colocação.

Mas acha que preciso absolutamente de trabalhar? dizia ele...

Seria um indolente ou um «chômeur»? Marilyn ralhava-lhe às vezes. E passaram a encontrar-se todos os dias.

Na quinta-feira seguinte, Marilyn declarou a Peter, que havia encontrado o seu príncipe encantado. E o jornalista não escondeu o seu desgosto. Seria o seu último encontro. Marilyn indignou-se! A amizade dos dois era inquebrantável! E Peter prometeu «mudar de ideias».



com
e Fred Mac Murray
Claudette Colbert

Alguns dias depois, Peter é destacado pelo seu jornal para ir a bordo fazer a notícia da partida do duque de Loamshire e de seu filho, Lord Granson, que se encontravam em Nova-York, sob o mais rigoroso incógnito. Não obstante os seus protestos, consegue entrevistá-los e fotografá-los.

— É verdade que Lord Granson vai a Inglaterra para se casar, interroga com uma indiscreção absolutamente americana.

— Talvez...

E, no dia seguinte, Marilyn vê na primeira página do jornal a foto de Charles Gray e as suas declarações sobre o casamento. Charlie, que lhe havia proposto casamento, e que dissera, que ia estar quinze dias fora, para arranjar emprego, Charlie, o seu noivo — era um mentiroso, um lord que estava noivo duma herdeira rica — e que quisesse apenas divertir-se com ela!

— Pronto! Ai tens um artigo sensacional! A história duma «dactylo» iludida por um nobre inglês.

Peter pegou-lhe na palavra e publicou, na primeira página, uma história tocante. Dum dia para o outro, Marilyn tornou-se numa espécie de heroína nacional. A opinião pública, levada pelos jornais, consagrou-a.

O escândalo rebenta a bordo do paquete. Todos os jornais, pela T. S. F., fazem perguntas. Charles, noivo de facto, em Inglaterra, está sinceramente apaixonado por Marilyn — e quer desposá-la. Mas o pai, que o pretende desviar, considera que a pequena soube servir-se do nome do filho para a sua publicidade. E tenta esmagá-lo com essa verdade...

E Charles, desorientado, envia-lhe um telegrama insultuoso... É o fim! Marilyn, pela primeira vez, na sua vida, embriaga-se.

Peter vela, por ela! Fà-la exhibir-se, como vedeta, num cabaré nocturno. Por um conjunto de circunstâncias providenciais — triunfa! É um êxito! Peter torna-se no seu «manager» e arranja-lhe um contrato para Londres.

Marilyn não esqueceu Charles. Encontram-se novamente. O escândalo tremendo feito em redor do seu nome fez com que a noiva inglesa rompesse com ele. Mas quando encontra Marilyn já não lhe fala como dantes...

Peter, para não ser um obstáculo, volta para Nova-York. E Marilyn percebe a tempo, quais os propósitos do inglês. E recusa. Tudo, excepto levar a vida que levam as outras...

De regresso a Nova-York encontra, no mesmo banco de sempre, Peter, o bom rapaz que a protegeu.

Está nêle a felicidade. Atira-se-lhe aos braços, radiante. Peter descalça os sapatos e oferece-lhe os *popcorn*. Marilyn, louca de alegria, reconhece que é ele, afinal — o «homem dos seus sonhos»!

FILMES QUE VAMOS VER

Noite de Núpcias



Entre as mais graciosas comédias que vamos ver, conta-se **Noites de Núpcias!** com o impagável Armand Bernard e a gentilíssima Florelle. Trata-se duma produção da Ufa, realizada com esmero e carinho, e que será estreada no aristocrático Central Cinema

As creanças, os músicos e o cinema

(Continuação da página 4)

O cinema, necessita do povo

Tem-se duvidado, é certo — não o ignora esta Câmara — do valor do cinema como meio de expressão ao serviço das literaturas. Isto é, como sucedâneo do espectáculo dramático. Com efeito, os *scenarii* cinematográficos são por vezes pueris; sente-se, na indústria cinematográfica a fadiga de imaginação determinada por uma produção exaustiva e incessante: não falta quem anuncie a crise próxima do cine-drama — crise determinada pela impossibilidade de renovar constantemente os motivos de planificação e, sobretudo, pela carência de contacto directo do espectador com a realidade, porque as imagens fotofónicas em movimento conseguem apenas dar uma impressão automática da vida. Seja, porém, como for, a verdade é que o bom cinema educa, instrui, informa, diverte, comove; exerce, até certo ponto, a influência social que outrora exerceu o teatro; e (o que é incontestável) constitui uma necessidade do povo. Reconhecida essa necessidade e, portanto, a utilidade pública das empresas cinematográficas, não parece de bom conselho onerá-las de excessivos encargos que possam comprometer a sua livre expansão, mormente quando esses encargos tenham de ser suportados, não no interesse geral, como contribuições para o Estado, mas no interesse especial de uma determinada classe de desempregados, embora digna de todo o apreço. Não é essa, aliás, a única forma por que os poderes públicos podem proteger os músicos nacionais. Há outras e há sobretudo uma que se integra no quadro dos interesses superiores da vida do espírito: assegurar as condições indispensáveis ao desenvolvimento e prestígio da cultura musical em Portugal.

Os meiores no cinema

Passemos ao segundo dos objectivos a que visa o projecto de lei n.º 74.

No artigo 9.º proíbe-se o acesso de menores de 14 anos de idade a qualquer espectáculo de cinema, com excepção das exhibições expressamente destinadas a crianças; no § único deste artigo determina-se a aplicação de multas às entidades exploradoras de cinemas sempre que este preceito seja infringido; pelo artigo 10.º, e seu § único, ficam obrigadas as referidas entidades a organizar bi-semanalmente, sob fiscalização da Inspecção dos Espectáculos, exhibições diurnas para menores. Quere dizer: enuncia-se um princípio de pro-

filaxia social, afirmando a necessidade de defender as crianças e os adolescentes contra os perigos morais do filme; e determina-se a forma de tornar efectiva essa defesa, mediante cominações e obrigações impostas às empresas exploradoras de cinemas. No que respeita ao princípio enunciado, está esta Câmara de acordo com o ilustre autor do projecto: no que respeita aos métodos propostos, julga dever suscitlar algumas dúvidas.

O que está feito

É incontestável que deve preservar-se a infância e a adolescência da acção de perversão moral e de sugestão perniciosas sobre elas exercida pela projecção de determinados filmes, mormente daqueles em que se representam actos grosseiros, criminosos ou violentos, ou se versam questões de ordem sexual ou para-sexual. Mas, já existe, na legislação portuguesa, direito constituido sobre a matéria. Com efeito, o artigo 120.º do decreto n.º 10.767, de 15 de Maio de 1925, que organiza e regula os serviços jurisdiccionais e tutelares de menores, proíbe aos menores de 16 anos, quando não acompanhados de pessoas de família, a frequência de cinemas e teatros públicos (§ 1.º), impondo multas às empresas que facilitem o acesso de criança ou adolescentes aos espectáculos teatrais ou cinematográficos (§ 2.º), a não ser quando esses espectáculos, organizados nos termos da lei n.º 1.748, de 14 de Fevereiro de 1925, se revistam de carácter instrutivo ou educativo, e tornando solidários na responsabilidade das mesmas empresas os contratadores, bilheteiros, porteiros ou outros empregados de vigilância ao serviço dos teatros e cinemas (§ 3.º). E o decreto, com força de lei, n.º 20.431, de 24 de Outubro de 1931, renova, nos seus artigos 21.º e 22.º, estas disposições proibitivas e cominatórias, elevando o quantitativo das multas, cujo produto reverte a favor dos cofres dos juizes das tutorias centrais e comarcas, e só isentando de sanções as empresas quando os menores vão acompanhados de pais ou tutores, que, nesse caso, são criminalmente os responsáveis, nos expressos termos do artigo 25.º do mesmo diploma. Parece que estas disposições legais nem sempre têm sido rigorosamente observadas, porque é vulgar verificar-se a presença de menores nos espectáculos públicos. Isso não quer dizer, porém, que se torne necessário legislar de novo; basta fazer cumprir o que está estatuido na legislação em vigor.

O que se faz lá fora

Ocorre, entretanto, perguntar se, em vez de multar as empresas quando os menores ingressam nos cinemas, não será mais eficaz e mais prático impedir que eles lá entrem, mediante medidas preventivas de natureza policial, nas quais podem com vantagem colabar os delegados e agentes de vigilância das tutorias. E não se afigura a esta Câmara ocioso perguntar, também, se não convirá expedir, pela autoridade competente, instruções à censura cinematográfica, a-fim-de que se assinalem, por qualquer indicação didascálica, os espectáculos que não constituam perigo moral para a infância. É este um dos casos em que pode aproveitar-se a experiência e o exemplo de estrangeiros. O que sucede na Inglaterra, em matéria de censura e de policia cinematográfica, é simples e prático. A *British Board of Film Censors* passa, a todos os filmes que aprova, um de dois certificados: o certificado U, ou o certificado A. A policia britânica não permite a entrada de crianças ou de adolescentes nas salas onde se exhiba qualquer filme — com excepção dos filmes de actualidades — que não tenha obtido o certificado U (*universal exhibition*), a não ser «que os menores venham acompanhados de pai, mãe ou de pessoa adulta que assuma, pelo simples facto da sua presença, toda a responsabilidade moral». Para que acção análoga possa exercer-se entre nós, no cinema e no teatro, não é indispensável uma nova lei; bastam simples instruções expedidas pelo Ministério de Educação Nacional.

Espectáculos para crianças

Quanto à obrigação que, nos termos do artigo 10.º do projecto, se pretende impor às empresas de cinemas públicos, parece a esta Câmara, sem dúvida, interessante, que nestas casas de espectáculo se projectem, com relativa frequência, filmes destinados à população infantil. Só, porém, às empresas cinematográficas compete, no uso de uma liberdade que não pode deixar de ser-lhes reconhecida, resolver acerca da possibilidade técnica e da oportunidade administrativa de dar, ou de deixar de dar, determinados espectáculos.

Agencia de Casamentos

(Continuação da pág. 1)

que só dedicará a um homem muito e muito especial.

Mas quem será esse homem que agrada a Marlene?

Talvez fosse o Clive Brook. Não; é velho, de mais.

Desconfio que o Gary Cooper lhe deve agradar. Desde *Marrocos*, estão artisticamente iguais e de tal forma que as leis civis não os poderão separar. A Arte ainda é grande, apesar de todos os atentados, que diariamente se executam.

Falta a Sylvia Sydney. É simpática, não acham? Para mim é tão engraçada, deve

ser tam terna, tam femininamente meiga que resolvi deixá-la de parte para depois lhe propor casamento.

Mas sabem o que aconteceu?

Caiu-me na cabeça o retrato da tal rapariga com quem vou casar e que tenho pendurado sobre a cama.

As mulheres são extraordinárias: até adivinhavam aquilo com que sonhamos e caem em cima de nós... com vidro, caixilho e tudo.

Francamente, somos uns escravos do sexo fraco, e isto é uma fraqueza inadmissível.

TELMO FELGUEIRAS

CINE-JORNAL

Em virtude de haverem sido alterados, transitoriamente, por motivos de força maior, os horários de trabalho nas oficinas onde é composto e impresso o **CINE-JORNAL**, tem os últimos números saído com um atraso de um dia, atrazo esse de que pedimos desculpa aos nossos leitores, e que procuraremos remediar assim que seja possível.

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. do Condessa do Rio, 27

Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp. impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. da Condessa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48900

25 " 6 meses 24900

12 " 3 meses 12900

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65900

SEIOS, VENTRE, VARIZES, Emagrecimento racional e correção de defeitos estéticos com produtos e tratamentos sob a direcção médica na

Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

TELEFONE 2 1866

LISBOA



3.000000 de senhoras empregam este pó todas as manhãs!

E' um tónico para a pele — Suprime para sempre os narizes luzidios

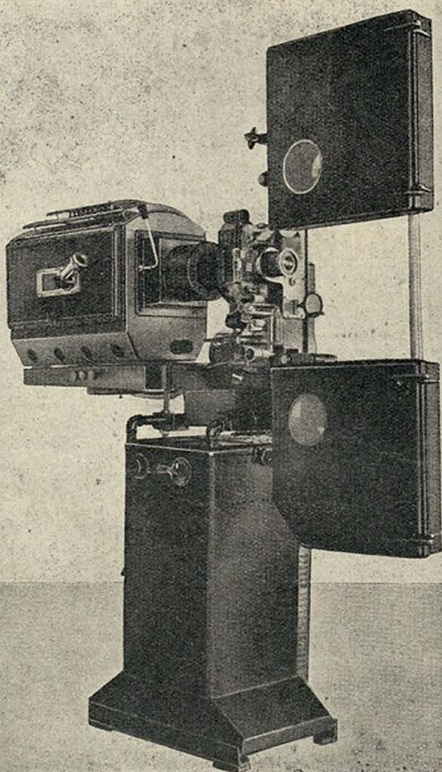
Há alguns anos, um célebre especialista do rosto, descobriu que combinando-se a «mousse de crèmes» com o pó de arroz este aderida durante o dia inteiro a despeito do calor, do vento, do tempo chuvoso, dos banhos do mar ou da transpiração provocada pela dança. A «mousse de crèmes» permitia ao pó exercer igualmente uma acção tonificante. O seu constante emprego suprimia pois, e para sempre, um nariz luzidio. Os defeitos do rosto desapareciam e a pele tornava-se tão macia, tão liza e tão aveludada como as pétalas da rosa. No Pó Tokalon a «mousse de crèmes» está misturada cientificamente nas proporções requeridas com um pó subtil e dos mais finos. Não adere em camadas sobre a pele. 3.000.000 de senhoras empregam este pó todas as manhãs. Em França, em Portugal, na Inglaterra, na América, na Itália, em toda a parte, as mais bonitas, as mais «chics», exigem o Pó Tokalon.

A venda em todas as perfumarias e



PHILIPS

Oiça e admire o
som e projeção,
obtidos com
PHILISONOR



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 19—25 DE FEVEREIRO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



★
Janet
Gaynor
★

BREVEMENTE: «TOMÁS ALCAIDE, ACTOR DE CINEMA»